

O Cristo Vivo da Compaixão Revelada

Maria Mharye

1 Trilogia

Dedicatória

Para todas as mulheres que choraram em silêncio, serviram sem reconhecimento, e amaram com a fé de quem nunca foi chamada pelo nome... mas que Cristo sempre viu.

Este livro é também para os homens de coração justo, que desejam escutar a voz do Cristo compassivo no feminino.

*Com amor e reverência,
Mharyé*

Sumário

1. **As Lágrimas de Betânia**
Onde a dor das mulheres encontra as lágrimas de Deus.
2. **A Ceia Invisível**
Onde as mãos femininas preparam o pão que ainda alimenta o mundo.
3. **O Jardim da Voz Feminina**
Onde a ressurreição começa com um nome e uma mulher enviada.

Prólogo

*Este livro nasceu do desejo de ver Cristo como:
humano, divino, compassivo... e profundamente próximo das mulheres que a história tentou apagar.*

Não escrevo como teóloga de títulos, mas como mulher que crê, sente e pergunta. Como alguém que já chorou como Marta, silenciou como Maria, e esperou como Madalena diante de um túmulo vazio.

O Cristo que me move não é um símbolo distante. É um homem que chorou com amigas, defendeu as supostamente “pecadoras” e confiou o anúncio da vida a uma mulher.

Nesta trilogia, convido você a revisitar os Evangelhos com olhos atentos aos silêncios. A ouvir o que o texto calou, a ver quem a história escondeu. E, sobretudo, a encontrar um Cristo vivo, que ainda hoje chama mulheres e homens pelo nome.

Mharyé

Capítulo 1

As Lágrimas de Betânia

**“Há um momento em que até Deus chora.
E não por fraqueza, mas por amor.”**

A casa em Betânia cheirava a pão fresco e luto. As pedras do pátio estavam quentes pelo sol, mas lá dentro reinava o frio do sofrimento. Marta falava em voz baixa. Maria, por sua vez, permanecia em silêncio. Ambas se moviam pela casa com a lentidão de quem não dorme há dias.

Lázaro, o irmão delas, estava morto. E Jesus ainda não havia chegado.

Não sabemos se houve reclamações diretas, mas o silêncio das irmãs dizia muito. Jesus amigo, mestre, o que curava cegos e andava sobre as águas **não esteve presente quando mais precisavam.**

Mas quando finalmente chegou, **tudo mudou.**

O Encontro

Marta correu ao seu encontro. Ela, sempre ativa, a que servia, a que organizava a casa e os tempos, foi a primeira a sair. Sua voz trazia uma mistura de fé e ferida:

“Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” ... Jesus a olhou com ternura...como **um homem que ama.**

Falou-lhe da ressurreição, não com frieza teológica, e sim como alguém que **enxerga além da dor, sem negá-la.**

Maria chegou depois. Não conseguia sair antes. Às vezes, **a alma mais sensível precisa de mais tempo para caminhar.**

Quando o viu, disse as mesmas palavras:

— *“Senhor, se estivesses aqui...”*

E então, Jesus **chorou.**

A compaixão de Cristo não foi apenas um gesto. **Foi visceral. Real. Humana.**

O Evangelho não diz que Ele derramou uma lágrima discreta. Diz que **se comoveu profundamente e perturbou-se...**E depois, o versículo mais breve e poderoso:

“Jesus chorou.” (João 11:35)

Por que chorou? Não foi por falta de fé. Ele sabia que Lázaro viveria.

Chorou **porque Maria chorava.**

Porque Marta perdera o irmão.

Porque a dor das mulheres que amava o rasgava por dentro.

Marta e Maria: Discípulas Esquecidas

Elas não eram apenas “as irmãs de Lázaro”. Eram **discípulas reais.**

Jesus estivera muitas vezes em sua casa. Conversava com elas sobre coisas profundas, permitia que O servissem, O tocassem, O escutassem. Nelas, **restaurou o que o mundo queria negar: o direito de serem vistas, ouvidas, amadas.**

Em Betânia, **Cristo não ensinou de um púlpito.**

Ele ensinou pelo luto, pela lágrima partilhada, pelo abraço que consola.

Tecendo os silêncios do texto

Por que chorou Cristo?

Talvez porque entendia que **às vezes a dor da mulher não encontra palavras.**

Talvez porque, em Maria e Marta, choravam todas as mulheres ignoradas pelos relatos oficiais.

Talvez porque o mundo não teria escrito seus nomes, se Ele não tivesse parado em sua casa.

Cristo vivo hoje

Cristo continua chorando em Betânia, **que agora pode ser a tua casa.**

Ele chora contigo quando perdes, quando esperas, quando perguntas:

“Onde estavas, Senhor?”

E se, como Maria, guardas silêncio, Ele não exige palavras.

Ele oferece a própria lágrima.

“A compaixão de Cristo não se explica.

Ela se sente quando já se chorou o bastante a ponto de precisar de um Deus que também chora.”

Capítulo 2

A Ceia Invisível

**“Às vezes, o que está ausente em um texto...
grita mais alto do que o que está presente.”**

Era noite em Jerusalém. A cidade respirava medo e fervor. Os soldados circulavam com olhos vigilantes, e os sacerdotes cochichavam planos de silêncio. Naquela véspera de festa, um cômodo discreto foi preparado. Uma mesa simples. Pão, vinho, travessas. Era a **última ceia**.

Os Evangelhos falam dos Doze. Estavam lá, cada um com sua inquietude, sua expectativa ou sua traição escondida.
Mas o texto não fala quem *preparou* aquela ceia.

O Silêncio das Mãos Femininas

Quem arrumou a mesa?
Quem assou o pão sem fermento?
Quem lavou os pés cansados do Mestre no dia anterior?
Quem ouviu, atrás da cortina, o momento em que Ele falou: *“Isto é o meu corpo”*?

Talvez nunca saibamos os nomes. Talvez seja justamente esse o ponto.

O mundo antigo, patriarcal e severo, **nunca escreveu os nomes das mulheres nos lugares de honra**. Mas o coração de Cristo sempre os gravou no mais profundo de Si.

Discípulas na Sombra

Elas estavam lá.
Não nos Evangelhos como personagens principais, mas **na memória viva de cada gesto de Jesus**.

- **Maria de Magdala**, que O seguiu até o fim.
- **Maria de Betânia**, que ungiu Seus pés com perfume e lágrimas.
- **Marta**, que entendeu a fé da ressurreição antes mesmo da cruz.
- E tantas outras, que O ouviram em silêncio e guardaram Suas palavras no ventre da alma.

Na ceia, **talvez elas não estivessem à mesa**, mas estavam nos olhos d’Ele.
Cristo partia o pão **por elas também**.
E talvez, por dentro, **chorasse pela história que viria a apagá-las**.

A Ceia da Reparação

Há quem diga que a Última Ceia foi o momento mais sagrado da comunhão.

E é verdade.

Mas talvez **a ceia que ainda falta acontecer seja a da reparação,**
onde todos — homens e mulheres — ocupem igualmente seu lugar à mesa do Cristo.

O pão que Ele partiu não foi apenas alimento.

Foi um gesto profético de inclusão, de totalidade, de entrega para todos os corpos.

Naquela noite, **o pão não escolheu gênero.**

O vinho não distinguiu o sangue.

A nova aliança era para todos — mesmo para aqueles e aquelas que não foram nomeados.

A Noite do Amor Oculto

Enquanto os discípulos discutiam quem seria o maior,

uma mulher observava do corredor, com o coração em chamas.

Ela entendia o que eles ainda não compreendiam.

Ela **sabia que Ele partiria.**

Mas não gritou.

Ela serviu.

Ela escutou.

Ela amou em silêncio.

Cristo sabia.

E isso bastava.

A Ceia Continua

Hoje, muitos ainda discutem quem pode ou não se sentar à mesa.

Mas o Cristo da compaixão continua convidando os invisíveis, os esquecidos, os silenciosos.

**Ele continua partindo o pão para mulheres que servem sem aplauso,
para mães que choram em segredo,
para vozes que foram caladas.**

A ceia invisível é real.

Acontece toda vez que alguém **se lembra do Amor mais do que da norma.**

“Cristo nunca precisou de uma lista oficial de convidados.

Ele apenas partiu o pão.

E no partir do pão... partiu também o véu do silêncio.”

Capítulo 3

O Jardim da Voz Feminina.

**“Na madrugada do terceiro dia,
o céu ainda escuro escondia o milagre mais luminoso da história.
E foi uma mulher que o viu primeiro.”**

A pedra já estava removida.
O sepulcro estava vazio.
Mas ninguém ainda compreendia o que isso significava.

Os discípulos haviam fugido. O medo os havia trancado em uma sala escura.

Mas **ela** estava lá.

Sozinha.

Chorando.

Procurando.

Maria Madalena: A Primeira Apóstola

Maria de Magdala Não tinha autoridade religiosa, porém sim é muito provável que Maria Madalena tenha sido uma mulher instruída e influente, com recursos e liberdade de movimento algo pouco comum para mulheres na sua época."

Tinha **um amor que não desistia**...e foi até o túmulo quando todos os outros já tinham ido embora.

Chorava diante da ausência do corpo.

Mas o que ela ainda não sabia é que estava prestes a ver **o Cristo vivo — com os próprios olhos.**

O Reconhecimento

“Mulher, por que choras?”

Ela pensou que fosse o jardineiro.

“Se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei.”

Foi então que Ele a chamou pelo nome... *“Maria.”*

Bastou isso.

Uma palavra.

Um nome.

Uma voz.

E ela O reconheceu.

Foi o momento mais íntimo, mais puro, mais pleno do Evangelho.

Cristo ressuscitado **escolheu ser visto primeiro por uma mulher.**

E mais do que isso: **confiou a ela a primeira missão apostólica.**

“Vai e anuncia aos meus irmãos.” (João 20:17)

A Voz que Retorna

Na cultura da época, o testemunho de uma mulher não tinha valor legal.

Mas no Reino de Deus, **a voz da mulher foi a primeira a anunciar a vitória da vida.**

O Cristo compassivo não apenas consolou Maria.

Ele restituiu sua voz.

Sua missão.

Seu lugar.

O Jardim Reescrito

O primeiro jardim, no Gênesis, foi o cenário da queda.

Este jardim, ao lado do túmulo vazio, foi o cenário da **redenção.**

No primeiro, a mulher foi calada.

Neste, a mulher **foi enviada.**

O silêncio que começou no Éden foi quebrado por uma palavra dita por Cristo:

“Maria.”

A Ressurreição é Feminina

Maria Madalena se tornou a **mensageira da ressurreição.**

Ela anunciou a vida para aqueles que estavam presos pelo medo.

E desde então, **a ressurreição acontece toda vez que uma mulher levanta sua voz, toda vez que alguém é visto, ouvido e chamado pelo nome.**

O Cristo que Permanece

Cristo ressuscitado permanece conosco.

Mas escolhe se manifestar, muitas vezes, **nos lugares ignorados, nas vozes esquecidas, nas mulheres silenciadas.**

Ele vive cada vez que alguém volta ao jardim e escuta:
“*Maria.*”

**“A compaixão de Cristo não apenas consola.
Ela levanta.
Ela envia.
Ela ressuscita.”**

As mulheres **nunca se limitaram apenas às tarefas da casa**, nem no tempo de Jesus, nem em muitos outros períodos da história. Essa é uma **ideia reduzida e condicionada** por uma leitura cultural, não por uma realidade plena.

Vamos por partes:

1. Mulheres no tempo de Jesus: muito além da casa

Na sociedade judaica do século I, era comum que a mulher cuidasse do lar, sim. Mas isso **não significa que essa era sua única ocupação ou valor**:

- Muitas mulheres **trabalhavam fora**: tecendo, cozinhando para fora, ajudando na agricultura, ou como parteiras, curandeiras e comerciantes.
- Algumas eram **donas de terras ou possuíam recursos** (como as mulheres que sustentavam Jesus e os discípulos — *Lucas 8:1-3*).
- Muitas tinham papel **ativo em comunidades religiosas** (profetisas, juízas, sábias).

2. Nos Evangelhos, as mulheres têm função de discípulas, não apenas de servidoras

Cristo **rompeu com as normas sociais de sua época** ao:

- Ensinar teologia a mulheres (como Maria de Betânia).
- Aceitar que tocassem seu corpo (a hemorroísa, a “mal chamada de pecadora” com o perfume).
- Falar em público com elas (a samaritana).
- Ser servido por elas e ser acompanhado por elas **em toda a sua missão**.

Ou seja, **Jesus nunca reduziu a mulher à casa. Ele as chamou à missão.**

3. O patriarcado e a redução da narrativa

A história posterior, especialmente nas interpretações eclesiais e sociais, muitas vezes **tentou reduzir a mulher ao “serviço silencioso”**, ignorando sua inteligência, liderança e protagonismo.

- **Os Evangelhos não proibiram as mulheres de pregar** isso foi construção posterior.
- **Maria Madalena foi chamada “apóstola dos apóstolos”** por muitos Padres da Igreja.
- Algumas cartas de Paulo citam mulheres líderes: **Febe, Prisca, Júnia**, entre outras.

4. Conclusão

As mulheres **nunca foram apenas “do lar”** mesmo que essa fosse sua realidade visível aos olhos da cultura...Foram **místicas, líderes, anunciadoras, missionárias, conselheiras, mães da fé.**

E Jesus, com sua compaixão, **viu nelas tudo isso** e as chamou com a mesma autoridade que chamou os homens.

Sobre a autora

Mharyé é escritora contemplativa, apaixonada pelos mistérios da alma, da fé e do feminino espiritual. Suas palavras nascem da escuta, do silêncio e da leitura orante das Escrituras.

Escreve para tocar o íntimo, para restaurar o que o tempo escondeu, e para **fazer ecoar a voz de Cristo onde há ferida, fé e esperança.**

Mulher de fé, acredita que **as lágrimas também são forma de teologia**, e que **as mulheres do Evangelho ainda têm muito a dizer se tivermos ouvidos para ouvir.**

Mharyé.